



ORIENTE MEDIO

Negociadores buscam salvar o acordo de paz

Enviados especiais do presidente dos EUA, Donald Trump, desembarcam em Israel um dia depois do rompimento temporário do cessar-fogo na Faixa de Gaza. No Egito, delegação palestina debate próximos passos do pós-guerra na região

No dia seguinte ao rompimento temporário do cessar-fogo na Faixa de Gaza, os enviados norte-americanos Steve Witkoff e Jared Kushner desembarcaram, ontem, em Israel, para uma reunião com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Os bombardeios de domingo provocaram o temor de um colapso na implementação do acordo de paz celebrado há 11 dias e mobilizaram a atenção dos negociadores para garantir a manutenção do pacto.

Na série de ataques a Gaza, foram lançadas 153 toneladas de bombas, de acordo com Netanyahu. Segundo ele, a ofensiva foi uma resposta a ataques do movimento islamista palestino Hamas, que negou a acusação. Após os bombardeios, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, insistiu que o cessar-fogo permanecia em vigor.

Ontem, em meio a visita de Witkoff, enviado especial para o Oriente Médio, e Kushner, conselheiro e genro de Trump, houve novos ataques no enclave palestino. As forças de Israel denunciaram violação de segurança, para a qual militares recuaram após o início da trégua, e abriram fogo contra alvos considerados hostis.

Em declaração à imprensa, Shosh Bedrosian, porta-voz do governo israelense, limitou-se a informar que os enviados de Trump estiveram com Netanyahu "para conversar sobre os últimos acontecimentos". Segundo ele, o vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, e sua esposa pretendem visitar Israel durante "alguns dias" e também se reunirão com o primeiro-ministro.

Mais tarde, Netanyahu disse ao Parlamento israelense que Vance planejava desembarcar ainda hoje no país para discutir os "desafios de segurança" que enfrentam e as "oportunidades diplomáticas".

AFP



Vista aérea da zona portuária do enclave palestino mostra tendas que abriga a população deslocada em decorrência da guerra

Enquanto isso, uma delegação do movimento palestino esteve no Cairo para discutir com funcionários de alto escalão do Egito e do Catar o frágil cessar-fogo e o pós-guerra em Gaza. Segundo uma fonte próxima às negociações, estava em pauta "a formação de um comitê de especialistas

independentes responsável pela gestão de Gaza" após o conflito.

Chance

Em Washington, o presidente Donald Trump disse que daria ao movimento Hamas uma "pequena chance" de cumprir o acordo de trégua

com Israel em Gaza. "Combinamos com o Hamas que eles serão muito bons, que se comportarão", disse Trump a repórteres na Casa Branca, ao receber o primeiro-ministro australiano, Anthony Albanese. "Se não o fizerem, entraremos em ação e vamos erradicá-los. Se necessário, eles serão erradicados", advertiu.

Trump insistiu, no entanto, que as forças norte-americanas não participariam de uma eventual represália contra o Hamas. Segundo ele, há dezenas de países que concordaram em se juntar a uma força internacional de estabilização para Gaza que "ficariam encantados em intervir". Além disso, Israel

153
toneladas de bombas foram lançadas sobre o enclave palestino no domingo pelas forças israelenses

interviria em dois minutos se eu pedisse", declarou Trump.

O episódio de violência de domingo foi o primeiro de grande magnitude desde a entrada em vigor da trégua em 10 de outubro. A Defesa Civil de Gaza, que opera sob a autoridade do Hamas, indicou que pelo menos 45 palestinos morreram, incluindo civis e um jornalista, nos bombardeios israelenses.

Para cumprir a primeira fase do frágil acordo, o Hamas entregou, em 13 de outubro, os 20 reféns vivos que permaneciam em cativeiro desde o ataque de 7 de outubro de 2023 ao território israelense. E devolveu, até o momento, 13 dos 28 cadáveres de reféns que ainda estavam em Gaza. Em troca, Israel libertou quase 2 mil prisioneiros palestinos.

Justamente a entrega dos corpos dos reféns se tornou um dos pontos mais delicados do acordo. Israel se queixa da demora da devolução, enquanto o Hamas sustenta que a destruição em Gaza dificulta as operações para localizar os cadáveres sob as ruínas. Ontem, o braço armado do grupo terrorista entregou o corpo do 13º refém, encontrado no domingo.

A etapa posterior do plano de Trump prevê o desarmamento do Hamas e a anistia ou o exílio de seus combatentes, assim como a continuidade da retirada israelense de Gaza. Também descarta qualquer papel do movimento islamista no governo do território.

BOLÍVIA

Retomada das relações com Washington

Após 15 anos, a Bolívia vai se reaproximar dos Estados Unidos. O presidente eleito da Bolívia, Rodrigo Paz (centro-direita), anunciou, ontem, que retomará as relações com Washington, rompidas desde 2008, durante o governo do líder de esquerda Evo Morales. Eleito com 54,5% dos votos, no domingo, o economista de 58 anos assumirá o comando do Palacio Quemado em 8 de novembro.

A eleição de Paz marca a volta de um governo de direita após 20 anos de socialismo na Bolívia. Desde que estava em campanha, o presidente eleito havia prometido reinserir o país no cenário internacional. Hoje, a Bolívia tem como principais aliados a Venezuela, Cuba, Nicarágua e Rússia.

"No caso pontual dos Estados Unidos (...), essa relação será retomada", assegurou, em sua primeira coletiva de imprensa após a vitória. "Acredito que isso é muito importante", reforçou Paz, acompanhado de seu vice, Edmand Lara.

Em 2008, Evo Morales, que presidiu o país entre 2006 e 2019, expulsou o então embaixador americano em La Paz, Philip Goldberg, sob a acusação de apoiar uma conspiração

AFP



O presidente eleito, Rodrigo Paz, celebra: direita no poder após 20 anos

de direita para dividir a Bolívia. Ele também retirou do país as agências americanas antidrogas (DEA) e de cooperação internacional (USAID). A Bolívia é o terceiro produtor mundial de cocaína, depois da Colômbia e do Peru.

Na época, Washington negou

as acusações e, em reciprocidade, expulsou o embaixador boliviano. Desde então, Bolívia e Estados Unidos não têm laços diplomáticos.

Ainda no domingo, encerrada a apuração, o chefe da diplomacia norte-americana, Marco Rubio, celebrou: "Depois de duas

décadas de uma administração ruim, a eleição de Paz representa uma oportunidade de transformação para as duas nações".

No âmbito interno, Rodrigo Paz terá que enfrentar a pior crise econômica que o país experimenta em quatro décadas, derivada da falta de dólares. O governo do esquerdista Luis Arce esgota constantemente suas reservas de divisas para sustentar uma política de subsídios aos combustíveis, que também estão escassos.

Rodrigo Paz, que venceu a eleição com o Partido Demócrata Cristão, espera que a comunidade internacional o ajude a devolver a gasolina e o diesel aos postos de gasolina bolivianos. A falta de dólares e combustíveis fez disparar uma inflação na Bolívia, que, em setembro, superou os 23% interanuais. O Banco Mundial projeta uma contração da economia que durará, pelo menos, até 2027.

"A paciência (da população) está se esgotando e vai acabar exatamente quando o próximo governo assumir", diz a cientista política Daniela Osorio Michel, pesquisadora do Instituto Alemão de Estudos Globais e Regionais (Giga).

ASSALTO AO LOUVRE

Pistas dos ladrões

Mais de 60 investigadores estão à procura dos autores do assalto ao museu do Louvre, em Paris, que permaneceu fechado, ontem, um dia após o crime. A polícia encontrou duas pistas dos ladrões, que levaram joias da Coroa, expostas na Galeria de Apolo através de uma janela: uma luva e um colete. As primeiras apurações apontam para o crime organizado.

A ação cinematográfica — de apenas sete minutos — reacendeu as críticas sobre a falta de segurança nos museus da França, que tiveram a segurança reforçada desde ontem. "O que é certo é que falhamos", reconheceu o ministro da Justiça, Gérard Darmanin, em entrevista à rádio France Inter.

O Louvre, um dos principais museus do mundo, recebe anualmente nove milhões de visitantes. Como hoje é o dia de fechamento semanal, reabrirá as portas apenas amanhã. Longas filas se formaram ontem na entrada, na expectativa de que o acesso fosse liberado, o que acabou não ocorrendo.

O roubo aconteceu quando o museu já estava aberto, por volta das 9h30 (4h30 no horário de

Brasília). Os ladrões estacionaram um guindaste sob uma das varandas do Louvre. Dois deles subiram nele e, com uma motosserra, entraram no Louvre através de uma janela.

A Galeria de Apolo foi encomendada por Luís XIV para comemorar sua glória como Rei Sol. A sala abriga a coleção de joias "da Coroa", composta por quase 800 peças de valores inestimáveis. Encapuzados, os ladrões roubaram nove adornos do século 19, incluindo a coroa da imperatriz Eugênia, esposa de Napoleão III.

O ministro do Interior, Laurent Nuñez, afirmou que o assalto foi obra de ladrões "experientes" e possivelmente "estrangeiros". Durante a fuga, eles abandonaram a coroa da imperatriz de origem espanhola, que ficou "danificada".

Especialistas alertam para o risco de desmonte das joias, cujas pedras e pérolas poderiam ser retiradas e reutilizadas para fabricar outras peças. "Se não forem recuperadas muito em breve, desaparecerão", alerta o historiador Vincent Meylan. O presidente Emmanuel Macron, prometeu que as obras serão recuperadas e os autores, levados à Justiça.